

## EU NÃO SOU VELHA, SOU UMA IDOSA JOVEM: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA VELHICE EM UM ABRIGO PARA IDOSAS

### I AM NOT OLD WOMAN, I AM A YOUNG ELDERLY WOMAN: SOCIAL REPRESENTATIONS OF OLD AGE IN A SHELTER FOR ELDERLY WOMEN

### NO SOY VIEJA, SOY UNA JOVEN ANCIANA: REPRESENTACIONES SOCIALES DE LA VEJEZ EN UN CENTRO DE ACOGIDA PARA MUJERES MAYORES

Helio Luiz Fonseca Moreira <sup>1</sup>  
Janari Pedroso <sup>2</sup>

#### Resumo:

A pesquisa se volta à análise da representação social da velhice construídas por mulheres idosas moradoras de um abrigo, localizado no município de Belém/PA. Os resultados do estudo evidenciaram que elas construíram uma conceitualização espontânea da velhice para posteriormente rejeitá-la, com base na articulação entre os significantes velhice, juventude, saúde e autonomia física. Esses significantes ocupam posição central no campo de consciência das representações, constituindo-se como fonte da cognição compartilhada, inscrita em uma memória ordinária na qual há um referencial familiar sobre o envelhecimento e a juventude, que, ao ser compartilhado, produz a homogeneização de imagens e significados sobre a pessoa velha. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, desenvolvida a partir de múltiplas fontes de evidências, entre as quais a observação etnográfica, diário de campo e entrevistas semiestruturadas.

**Palavras-chave:** Representações Sociais. Velhice. Juventude. Saúde.

#### Abstract

The research analyzes the social representation of old age constructed by elderly woman living in a shelter, located in the city of Belém/PA. The results of the study showed that they built a spontaneous conceptualization of old age to later reject it, based on the articulation between the signifiers old age, youth, health and physical autonomy. These signifiers occupy a central position in the field of consciousness of representations, constituting themselves as a source of shared cognition, inscribed in an ordinary memory in which there is a familiar reference on aging and youth, which, when shared, produces the homogenization of images and meanings about the old woman. This is a qualitative research, developed from multiple sources of evidence, including ethnographic observation, field diary and semi-structured interviews.

**Key words:** Social representations. Old age. Youth. Cheers.

#### Resumen

La investigación analiza la representación social de la vejez construida por ancianos que viven en un albergue, ubicado en la ciudad de Belém/PA. Los resultados del estudio mostraron que construyeron una conceptualización espontánea de la vejez para luego rechazarla, a partir de la articulación entre los significantes vejez, juventud, salud y autonomía física. Estos significantes ocupan una posición central en el campo de la conciencia de las representaciones, constituyéndose en una fuente de cognición compartida, inscrita en una memoria ordinaria en la que hay una referencia familiar sobre el envejecimiento y la juventud, que al ser compartida produce la homogeneización de las imágenes. y significados sobre la anciana. Se trata de una investigación cualitativa,

<sup>1</sup> Professor Associado IV de Direito Penal do Instituto de Ciências Jurídicas/UFPA. Professor permanente do Programa de Pós-graduação em Psicologia/UFPA. Pós-doutor em Psicologia, doutor em Ciências Sociais, mestre em Sociologia, Especialista em Educação, bacharel em Direito, bacharel em Ciências Sociais. E-mail: [heliomoreira@ufpa.br](mailto:heliomoreira@ufpa.br). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4722-1102>.

<sup>2</sup> Professor do Programa de Pós-Graduação em Psicologia/UFPA. Pesquisador produtividade do CNPq. Pós-doutor em Psicologia (Universidade Católica de Brasília), doutor em Ciências: Desenvolvimento Sócioambiental (NAEA/UFPA, 2003), mestre em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido pelo (NAEA/UFPA, 1999). E-mail: [pedrosoufpa@gmail.com](mailto:pedrosoufpa@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7602-834X>.

---

desarrollada a partir de múltiples fuentes de evidencia, incluyendo la observación etnográfica, diario de campo y entrevistas semiestructuradas.

**Palabras clave:** Representaciones Sociales. Vejez. Juventud.

## INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é apresentar os resultados de uma pesquisa, cujo objeto de estudo foi a representação social da velhice construída por idosas moradoras de uma Instituição de Longa Permanência para Idosas (ILPI), localizada no Município de Belém/PA, comumente designada como do abrigo para idosas. No âmbito representacional, elas ancoram posicionamentos cognitivos, com base na articulação das noções primárias de velhice, juventude, saúde e autonomia física que demonstram consistência empírica na sua aplicação regular, em nível argumentativo, possibilitando objetivação da idosa jovem, saudável e autônoma em oposição da velha doente e dependente.

Nessa construção, elas estabelecem associações semânticas para produzir preceitos axiomáticos que alimentam a subjetividade e a produção de sentidos expressos na representação da velhice, tais como: “a velhice é uma doença”, “o velho não tem saúde”, “o velho não tem juventude”, e “o velho depende dos outros”. Isso significa que a compreensão familiar da dicotomia velhice versus juventude designadora do movimento no campo de conhecimento estruturante dos sentidos comuns imputados as imagens das pessoas velha e jovem é dissociada do processo do natural de envelhecimento humano no qual os sujeitos se inscrevem de diferentes formas (AZEVEDO, AZEVEDO, ISTOE, 2018; ZIMMERMAN, 2000; FREITAS, QUEIROZ, SOUZA, 2010).

Partindo desse pressuposto, evidencia-se que o modelo figurativo que converte a velhice em concreto pensado (MOSCOVICI, 2015) é construído com fragmentos do processo de envelhecimento, associado às imagens da “doença”, “incapacidade física”, e da “perda de autonomia”, traduzido na força conflitante dos sentidos de juventude e de velhice que articulam elementos afetivos e experiências pessoais.

Daí se integra cognição, linguagem e comunicação às relações sociais capazes de categorizar indivíduos para confirmar e manter identidades coletivas, tais como “idosas jovens”, “idosas maduras” e “idosas alegres”, reforçando-se a negação da velhice, paralelamente à sua visão depreciativa. E é entre os sentidos de juventude e de velhice que se forja uma teoria espontânea que distingue e classifica os tipos de idosas para objetivar a realidade, construir a identidade grupal e conferir sentido à experiência do envelhecimento vivenciada no espaço institucional.

O envelhecimento humano é um processo natural, dinâmico, que, associado aos fatores de ordem social, econômica e cultural, produzem modificações morfológicas, funcionais, bioquímicas e psicológicas que afetam a capacidade de adaptação do indivíduo ao ambiente (AZEVEDO, AZEVEDO, ISTOE, 2018, ZIMMERMAN, 2000), impelindo-o a compreender sua inserção nesse processo.

Dessa forma, a representação da velhice é construída na dinâmica adaptativa dos indivíduos aos novos contextos social e ideológico que os circundam nos quais a objetivação da realidade é adequada a eles ou ao grupo (MOSCOVICI, 1978, 2015). Isso ocorre porque ela é relacionada a outras ideias, discursos e imagens socialmente compartilhadas por longos períodos, significando que o processo de subjetivação se liga, logicamente, ao universo da intersubjetividade e da transubjetividade com suas dimensões complexas e contraditórias, visto não haver pensamento racional descarnado da sociedade (JODELET, 2009).

O compartilhamento de ideias e valores cognitivamente ancorados possibilitam a integração de características objetivas do processo de envelhecimento, de experiências anteriores vivenciadas, bem como de imagens estigmatizadas da pessoa velha que orientam a objetivação da velhice. Assim, elas desenvolvem uma forma particular de compreender a realidade e introduzir nela, uma ordem que reproduz o mundo de uma forma significativa para se adaptarem e se identificarem, seja no abrigo ou fora dele, por meio de seus próprios sistemas referenciais, os quais sustentam as práticas cotidianas que legitimam a condição de moradoras.

## **METODOLOGIA**

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, produzida a partir de múltiplas fontes de evidências, cujas principais foram a coleta de dados por meio da observação empírica, do diário de campo e das entrevistas semiestruturadas (FREITAS, JABBOUR, 2011). Das 29 moradoras do abrigo, 17 participaram voluntariamente e seus nomes foram substituídos por identificação alfanumérica para preservá-las de sua identidade.

A inclusão das participantes foi previamente definida com base nos seguintes critérios: residir no abrigo há mais de seis meses, não apresentar comprometimento cognitivo autodeclarado, ser capaz de expressar sua percepção da velhice, bem como manifestar interesse na participação da pesquisa. Das participantes, 13 estavam na faixa etária entre 70 e 80 anos, e 4 estavam na faixa entre 81 e 90 anos. Quanto à escolaridade, 11 cursaram até o ensino fundamental, 3 até o ensino médio e 3 cursaram o ensino superior completo. A pesquisa

de campo foi realizada entre os meses de fevereiro e agosto de 2019, com anuência da presidente da instituição.

Estudar as representações da velhice entre idosas na instituição à qual moram, impõe ao pesquisador a necessidade de observar a sua relação com as participantes da pesquisa, pois a sua presença no campo é compreendida dentro de sua singularidade no encontro de realidades distintas, constituindo um estímulo que pode produzir estranhamento e repercutir na esfera das relações entre o pesquisador e as participantes (JUNKER, 1971).

Nesse contexto, elas precisam compreender seus referentes e discriminá-los para dimensionar as perspectivas e as interpretações dos sentidos que estão em movimento na construção das representações sociais, preservando-se a singularidade e a heterogeneidade dos dados coletados (CABECINHAS, 2004). Partindo-se desse pressuposto, as entrevistas foram iniciadas somente após o terceiro mês.

Os três primeiros meses foram destinados a estabelecer a aproximação com as idosas, os funcionários e os membros da administração, por meio da participação em jogos de baralho, atividades voluntárias na instituição, cafezinho no refeitório e diálogos livres, com o objetivo de construir uma relação de confiança no processo de interação e comunicação para que as pessoas ficassem à vontade e receptivas durante a realização da entrevista (JUNKER, 1971).

As participantes foram informadas dos objetivos da pesquisa e anuíram com as entrevistas, mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Além das idosas, foram entrevistadas, ainda, a presidente da instituição, a psicóloga e a assistente social, com a finalidade de levantar dados sobre o abrigo, as condições socioeconômicas e o estado de saúde das idosas.

## **SOBRE O ENVELHECIMENTO POPULACIONAL E DEMANDA POR ILPI**

O envelhecimento populacional é uma tendência global, cuja percepção possui dimensões cognitivas e afetivas, relacionadas a representação social do corpo e suas transformações físicas, motoras, sensoriais e sociais que podem incidir sobre o *status* ontológico e a autonomia dos indivíduos (JODELET, 1984; ELIAS, 2001, BAARS, 2012; CAMARGO, CONTARELLO, WACHELKE, MORAIS, PICCOLO, 2014). Isso significa que o conhecimento dessa tendência não deve ser limitada ao seu crescimento numérico.

Por conseguinte, a compreensão social do envelhecimento está associada aos modos de produção discursiva, que por meio de processos interativos e comunicacionais cotidianos, constituídos em determinados contextos, possibilitam o compartilhamento de sentidos

atribuídos à velhice e ao velho na sociedade moderna (TORRES, CAMARGO, BOULSFIELD, 2015; LUIZ, LORETO, FERREIRA, MAFRA, 2018).

Nas últimas duas décadas, esse fenômeno ganhou maior importância nos países em desenvolvimento, com o aumento acelerado da população de pessoas com idade igual ou superior a sessenta anos (CAMARANO, 2014). De acordo com o novo relatório das Nações Unidas, "The 2019 Revision of World Population Prospects", publicado em junho, pela Divisão de População do Departamento da ONU de Assuntos Econômicos e Sociais, a população mundial deverá crescer em 2 bilhões de pessoas nos próximos 30 anos, passando dos atuais 7,7 bilhões de indivíduos para 9,7 bilhões em 2050 (ONU, 2019), sendo que o declínio da fecundidade e o aumento da longevidade, conduzem o mundo para um padrão etário cada vez mais envelhecido.

As estimativas elaboradas e divulgadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2018) indicam que, no Brasil, a população de pessoas idosas aumentará nas próximas décadas, visto que há uma tendência a diminuição das taxas de natalidade e ao aumento da expectativa de vida no país. Segundo dados da pesquisa "Características Gerais dos Domicílios e dos Moradores 2018" realizada por este Instituto, a população brasileira com 65 anos de idade ou mais cresceu 26% entre os anos de 2012 e 2018.

Em contrapartida, a população de até 13 anos decresceu em 6%. Por volta do ano de 2050, estima-se que a população brasileira será de aproximadamente 215 milhões de habitantes e haverá 73 idosos para cada 100 crianças (IBGE, 2018). De acordo com a mesma pesquisa, a população paraense está em trajetória de envelhecimento. Estima-se que a população de pessoas com idade igual ou superior a 60 anos passará dos atuais 764 mil idosos para 2,7 milhões de idosos em 2060, exigindo do Governo do Estado do Pará o desenvolvimento de políticas públicas a médio e longo prazo para atender as demandas geradas por essa população.

Nesse sentido, a Política Nacional do Idoso (BRASIL, 1994) e o Estatuto da Pessoa Idosa (BRASIL, 2003) atribuíram legalmente à família, à comunidade, à sociedade e ao poder público a obrigação de assegurar ao idoso, com absoluta prioridade, a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária.

Entretanto, com o crescimento acentuado dessa população, a insuficiência de redes de suporte sociais formais e informais, a disponibilidade de poucos recursos financeiros para prover suas necessidades, as dificuldades de acesso aos serviços de saúde, bem como a

indisponibilidade ou impossibilidade das famílias para realizar os cuidados da pessoa idosa no domicílio, aumentaram a demanda por ILPIs (BESSA, SILVA, 2008).

O estudo desenvolvido por Camarano, Kanso, Melo, Carvalho (2010) evidenciou que as dificuldades financeiras, a busca de solução imediata para se eximir da responsabilidade de cuidados, a desvalorização da pessoa idosa, os conflitos entre gerações no espaço de convivência, as perdas cognitivas, físicas e sociais são, entre outros, fatores que favorecem o desequilíbrio nas relações interpessoais que, muitas vezes, leva a família a internar a pessoa idosa em ILPIs.

Não há, ainda, estudos que indiquem com maior precisão o número de Instituições de Longa Permanência para Idosos há no Brasil (SANTOS, 2021). Entretanto, sabe-se que o Censo realizado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), em 2010, indicava a existência de cerca de 90 mil idosos vivendo em 3.600 nessas instituições, correspondendo, a época, a aproximadamente 1% da população de pessoas idosas do país (CAMARANO, KANSO, 2010). Segundo as autoras, dessas instituições, 65% eram filantrópicas, como o Abrigo estudado.

De acordo com o estudo realizado por Duarte, Giacomini, Watanabe, Wada e Lebrão (2018), no Brasil, entre 2016 e 2018, aproximadamente 51 mil pessoas idosas viviam em instituições públicas e filantrópicas. Desse total, 65% apresentavam fragilidade física, motora, e estado de semidependência ou dependência. Esses estudos indicaram, ainda, que, há descompasso entre a distribuição dessas instituições entre as regiões brasileiras, bem como, que há discrepâncias entre a oferta e demandas de vagas, face ao aumento da população de pessoas idosas (CAMARANO, KANSO, 2010).

## **O ABRIGO**

O abrigo é uma instituição filantrópica, formalmente regida pelos valores da espiritualidade vicentina, consubstanciados no lema “Amor fraternal, caridade e humildade”. Sua função institucional é prestar serviços de acolhimento em regime residencial para pessoas idosas, do sexo feminino, acima de 60 anos de idade, proporcionando-lhes proteção, assistência material, social e espiritual.

O ingresso no abrigo obedece a um rito composto por três etapas. Primeiro a idosa deve conhecê-lo, por meio de uma visita específica para esse fim. Após, é agendada uma entrevista programada com a assistente social e a psicóloga para emissão de parecer recomendando ou

não a residência. A última fase é a apresentação de documentos e a assinatura do contrato de prestação de serviços entre a idosa ou seu responsável e a instituição.

O abrigo possui capacidade para receber 35 idosas, em alojamentos individuais e coletivos<sup>3</sup>. À época da pesquisa de campo, havia 29 moradoras, com idade variando de 71 a 99 anos, entre independentes, relativamente dependentes ou dependentes. Dessas, 12 moravam em quartos individuais e 17 em quartos coletivos.

A arrecadação das mensalidades é insuficiente para custear as despesas geradas para manter a instituição funcionando, tais como pagamento de funcionários, energia elétrica, material de limpeza, escritório e higiene, lavanderia, alimentação diária, dentre outras. Dessa forma, o custo de sua manutenção é complementado com a ajuda de doações. A instituição não recebe qualquer tipo de assistência financeira do poder público, administrá-la nessas circunstâncias constitui um desafio constante.

Do total de moradoras, 11 estavam na faixa etária entre 70 e 80 anos, 10 entre 81 e 90 anos, 8 acima de 90 anos. 13 moravam no abrigo até 3 anos e 16 há mais de três anos, dentre estas, 6 moravam há mais de 10 anos. A moradora mais antiga residia há mais de 21 anos. Quanto à escolaridade, 21 cursaram até o ensino fundamental, 4 até o nível médio e 4 concluíram o nível superior.

O perfil econômico das moradoras é variável, pois nem todas possuem carência financeira ou foram levadas por seus familiares. 15% das idosas são provenientes de famílias que possuem condições financeiras para arcar com cuidadoras particulares diariamente, plano de saúde, entre outras despesas. Quanto à renda mensal, 22 recebiam Benefício Por Prestação Continuada, correspondente a um salário-mínimo; 4 recebiam mais de 1 a 3 salário-mínimo, e 3 recebiam acima de 3 salário.

A instituição possui instalações conservadas e higienizadas, distribuídas em um pavimento. São 18 quartos residenciais, com corredores abertos e cobertos, cozinha equipada para atender às necessidades do abrigo, refeitório conjugado com sala de estar, instalações sanitárias coletivas, lavanderia, enfermaria, sala da administração, depósito para equipamentos, ferramentas e produtos de limpeza. Há, ainda, um espaço multifuncional, coberto, localizado entre os quartos, no centro da instituição, usado diariamente pelas idosas para realização de atividades como jogo de baralho, atividades físicas e de lazer, um jardim e a capela usada nas missas semanais ou como espaço de oração e reflexão.

<sup>3</sup> Em outubro de 2019, a lotação já estava completa, havendo, ainda, uma lista de espera por vagas.

## DISCUSSÃO

No Brasil, legalmente, o conceito de pessoa idosa é concebido com base no critério etário, definido no artigo 1º do Estatuto da Pessoa Idosa (BRASIL, 2003), que incluiu ao sistema de proteção integral todas as pessoas com idade igual ou superior a 60 anos. Por sua vez, a Organização das Nações Unidas, através da Resolução 39-125/1982 (ONU,1982), adotou dois marcos etários, considerando a relação entre expectativa e qualidade de vida que as nações proporcionam aos seus cidadãos, ao nascerem.

Com base nesse critério, considera, em geral, pessoa idosa àquela com idade igual ou superior a 60 anos, e nos países desenvolvidos a idade sobe para 65 anos. Contudo, no contexto do abrigo, as idosas afastaram o critério etário e criaram um tipo de classificação identitária espontânea, que coloca em jogo a oposição entre *juventude* e *velhice*, *saúde* e *doença*, *autonomia* e *dependência* no processo de envelhecimento. A operacionalização desses polos possibilitou a categorização delas em “velhas”, “idosas jovens”, “velhas doentes” e “idosas saudáveis”, consubstanciada em um corpo organizado de conhecimento por meio do qual elas se inscrevem em um grupo, reafirmando e negando identidades.

## REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: O ABRIGO COMO ESPAÇO DE TROCAS DIALÓGICAS

As representações sociais configuram uma forma de conhecimento prático, edificada sobre conjunto de ideias, imagens e visões de mundo, que os indivíduos constroem na vida cotidiana para compreenderem e organizarem suas relações e a realidade social circunjacente. Elas são produzidas nas atividades mais simples de elaboração psicológica e social da realidade, articulada à dinâmica dos processos interativos e cognitivos que possibilitam a comunicação entre os indivíduos e os grupos.

Estão presentes nos sentidos impressos nas palavras pronunciadas, na gesticulação empregada, na linguagem de sinais, nas relações e comunicações que os indivíduos estabelecem entre si, nos bens que produzem ou consomem. Isso significa que elas se situam no domínio do conhecimento compartilhado, cuja linguagem constitui a própria realidade (MOSCOVICI, 1978, 2015).

As relações interativas, bem como a possibilidade de compartilhar ideias, conhecimentos e experiências baseadas em um plano interpessoal são estabelecidas por meio da comunicação contínua entre os indivíduos em um dado contexto. Todavia, o ato comunicativo não se reduz a simples transferência de significados de um indivíduo a outro ou a mera transmissão passiva de informações que emerge de falas espontâneas. Ele pressupõe o

exercício de habilidades cognitivas e o envolvimento afetivo-emocional entre pessoas que compartilham significados socialmente construídos sobre o ambiente circundante (MOSCOVICI, 2015).

Nesse sentido, o abrigo se configura como espaço de interlocução de trocas dialógicas com compartilhamento de informação e de experiências pessoais. Assim, a representação social da velhice não está dissociada do contexto intertextual de interação e inscrição social, nem do espaço público de enunciação social (SPINK, 2019).

A representação social da velhice traz em seu modelo figurativo as marcas do tempo vivido e das experiências diárias, articuladas ao legado do que é familiar. Na construção desse modelo, o desenvolvimento humano e o envelhecimento se transformam em um conjunto de relações cognitivas relativamente autônomas, possibilitando ao grupo de idosas criar classificações com base no compartilhamento de sentidos e de imagens correlatos à velhice.

Isso significa que o nível de pertencimento a determinada categoria, tais como “velha”, “idosa jovem” ou “idosa alegre” atravessa as esferas subjetiva, intersubjetiva e transubjetiva, abrangendo individualmente as idosas, os grupos, os contextos de interação, as produções discursivas e as trocas verbais a partir de uma rede social na qual a fala de cada indivíduo é polifônica (JODELET, 2009).

Das 17 participantes da pesquisa, 12 negaram a velhice e se identificam como idosas jovens, idosas alegres, idosas saudáveis, idosas autônomas, e idosas que amam a vida, com base na articulação que estabelecem entre três significantes compartilhados que apresentam proximidade semântica: *saúde, juventude e autonomia física*.

No âmbito representacional (MOSCOVICI, 2015), o ideal de juventude se expressa simbolicamente por meio da saúde, a saúde se realiza na autonomia física; a autonomia física materializa a juventude. Dessa forma, elas elaboraram uma teoria espontânea que delinea os contornos diferenciadores entre as pessoas velhas e as idosas para afirmar identidades grupais.

Eis o enunciado da idosa A6 e A8 durante a entrevista:

“Velho é mundo, eu não sou velha. Eu sou uma idosa jovem, tenho saúde, eu faço minhas coisas sozinhas, eu não dependo de ninguém pra andar, pra comer (...). Velho não tem saúde pra isso,” (A6-72 anos)

“Velhice é uma doença. É quando a gente perde a força do seu corpo, não dá mais pra andar direito, pra se levantar precisa do apoio ou de alguém. Se não tem equilíbrio, não tem saúde. Velho não tem equilíbrio, nem saúde. (A8-74 anos).

No mesmo sentido são os enunciados das idosas A19, A9, A2, A5 e A12, dentre outras:

“Eu não sou velha, eu sou uma idosa madura. Eu tenho juventude, eu tenho saúde, eu sei das coisas que tão acontecendo” (A19-77 anos).

“Eu não sou velha, eu sou alegre, eu tenho muita saúde. Eu tenho força, velho não tem força, nem juventude.” (A9-77 anos)

“Eu não sou velha, eu sou uma idosa alegre, eu uso esse apoio para andar, mas eu tenho o espírito jovem, eu tenho saúde, tenho disposição, velho não tem saúde, nem minha disposição” (A2)

“Eu não sou velha porque eu tenho impressão de ser a mesma pessoa quando eu era jovem. Hoje eu tenho mais maturidade, mas não mudei fisicamente. Tenho saúde, tenho juventude, querer mais o quê? Quem tem saúde, tem tudo.” (A5-73 anos)

“Não me sinto velha. Não ligo pra idade. Sempre que alguém me pergunta minha idade, nem ligo. Eu tenho saúde, o resto não me importa.” (A12-75 anos)

Esses enunciados, reiterados por outras idosas, mostram que a representação social da velhice está associada a degradação do corpo humano e a perda de autonomia física, cuja organização contém duas partes, “juventude” e “velhice”, entre as quais se evidencia a pressão de uma contra a outra ou uma relação de alteridade conflituosa expressa pelas noções de saúde e doença, autonomia e dependência.

Contextualmente, os sentidos de “juventude, saúde e autonomia” conformam o núcleo funcional da RS que explica a velhice e o envelhecimento, com base no patrimônio cultural do grupo e no seu “já-ali pensado” (JODELET, 2015). Desse modo, não se relaciona a velhice aos estágios de desenvolvimento humano no qual os sujeitos se inscrevem com diferentes formas de adaptação, nem a critério etário, deixando-se entender que a emergências de doenças e as limitações físicas são decorrentes da degradação natural do corpo.

Nesse contexto, a representação da velhice implica, primeiramente, a construção da identidade das pessoas idosas em oposição às velhas, indicando um modo característico de agir no cotidiano institucional que passa a abrigar idosas e velhas. Por conseguinte, as idosas estabelecem uma associação entre a representação da velhice e a própria condição vivenciada no abrigo, ao mesmo tempo que demonstram uma compreensão fragmentada sobre o processo natural de envelhecimento, iniciado com o nascimento e encerrado com a morte.

Classificar, por exemplo, uma pessoa idosa como “velha”, “doente” e “incapaz” significa identificar nelas os efeitos de um mecanismo psicológico que reconstrói os diversos cenários das relações entre idosas e não-idosas fora dos domínios da ambiente institucional, por meio da associação de noções estereotipadas de envelhecimento às operações usuais destinadas a

categorizar as limitações físicas e a saúde, bem como justificar o próprio comportamento discriminatório em relação às outras idosas (JODELET, 2015).

Apreende-se que a natureza e a amplitude da representação social são logicamente deduzidas de uma ancoragem referencial, por meio da indexação das propriedades comumente atribuídas a ela. Portanto, o modelo figurativo compartilhado entre as idosas explicita um esquema conceitual que objetiva a velhice, investindo de poder as palavras *juventude*, *saúde* e *autonomia* que se expressam como manifestação do real (MOSCOVICI, 2015).

Assim, é possível reconhecer o estado de saúde de uma idosa como atributo pessoal, sem necessariamente associá-la ao envelhecimento humano, concebido como um processo natural. Nesse esquema, a imagem da pessoa velha é, paralelamente, constituída como uma imagem mental que concretiza a velhice e um signo que funciona como operador conceitual que permite pensar e imputar significado à velhice por contraste com a imagem da juventude.

A negação da velhice como resultado do processo de desenvolvimento humano transforma sua naturalidade em um conjunto de relações cognitivas que guardam uma relativa autonomia possibilitando ao grupo construir interpretações parciais desse processo, com base no compartilhamento de conceitos, valores e regras sociais adaptativas (MOSCOVICI, 2012). Dessa forma, evidencia-se produção de uma teoria espontânea estruturada por meio de um conjunto de relações com relativa autonomia e extensão variada que coloca em jogo a oposição entre juventude e velhice no processo de envelhecimento.

Esses dois polos possibilitam a categorização das idosas em “velhas”, “idosas jovens” e a “idosa maduras”, ao mesmo tempo que a saúde e a doença as categorizam em “velhas doentes” e “idosas saudáveis”. Entre esses polos, há uma construção racional que, por meio de modelos figurativos, distinguem os tipos de idosas, usando categorias genéricas disponíveis pela experiência e visão de mundo. Deste modo, a representação social configura um corpo organizado de conhecimentos e uma das atividades psíquicas por meio das quais as idosas tornam a realidade física e social inteligível, se inserem em um grupo ou relação cotidiana de trocas e liberam os poderes de sua imaginação (MOSCOVICI, 2012).

Pode-se evidenciar, nesse contexto, a articulação entre os processos de objetivação e a ancoragem, cujo núcleo figurativo composto pelos significantes *juventude*, *saúde* e *autonomia* são investidos de poder suficiente para negociar significados, expressar ideias, tornar a velhice real e explicar o seu funcionamento biopsicológico com base na ressurgência de crenças antigas, ocultas na memória coletiva que acionam uma imagem mental desagradável da velhice.

A articulação entre esses significantes ocupa posição central no campo de consciência da representação que as idosas construíram sobre a velhice para elas próprias, constituindo-se como fonte da cognição compartilhada, inscrita em uma memória ordinária (MOSCOVICI, 2012), na qual há um referencial familiar sobre o envelhecimento e a juventude que, ao ser compartilhado, produz a homogeneização de imagens, significados e ideias sobre a pessoa velha.

Assim, é o senso comum e a compreensão familiar da dicotomia velhice versus juventude que designa o movimento do campo de conhecimento estruturante dos sentidos comuns imputados às imagens das pessoas jovens e velhas. Portanto, nas declarações: “Eu não sou velha, sou uma idosa jovem”, “Eu tenho força, velho não tem força, nem juventude” ou “Eu não sou velha porque eu tenho impressão de ser a mesma pessoa quando eu era jovem”, há uma focalização na palavra *jovem*, cujo núcleo de sentido se refere às pessoas idosas, relacionando-as à rejeição da velhice pela afirmação da juventude.

Apreende-se que não é uma questão meramente terminológica, mas que abrange imagens mentais elaboradas por meio de raciocínio comum, fundado em crenças sociais e pré-noções ancoradas em um sistema de oposição que contrasta e relaciona conteúdos significativos relativos à saúde, à doença, ao vigor físico, à felicidade, à alegria, à tristeza, à disposição, à maturidade e a experiência vivenciada no espaço social no qual estão inseridas.

Nesse contexto, a explicação pragmática da velhice é construída com base em um raciocínio dedutivo, cujo encadeamento causal se realiza por meio de uma operação cognitiva esquemática, que enclausura fragmentos do ambiente, agrupa estímulos sociais, alimenta a subjetividade das idosas e as sintoniza psicossocialmente (JODELET, 2009). Consequentemente, a sombria imagem da velha, profundamente associada à ideia de degradação física é positivamente convertida em “idosas jovens”, representada pela imagem de uma pessoa ativa, apta enfrentar criativamente o conjunto de mudanças sociais que redefinem a experiência do envelhecimento (CERQUEIRA, RIBEIRO, 2017).

No abrigo, as pessoas velhas e as pessoas idosas são caracterizadas por sua capacidade física, pelo seu espírito jovem, pela sua capacidade de locomoção e por grau de dependência, isto é, imagens, conceitos e significados que integram o conteúdo mental ancorado na esfera cognitiva das moradoras. Dessa forma, os estados mentais individuais são projetados sobre o ambiente em que vivem, conferindo um caráter material às abstrações, através da transformação de signos em realidade, reconstruindo as teias de significação que formam, inscrevendo novos significados aos significantes.

Por conseguinte, as representações substituem dinamicamente as pessoas velhas e idosas, tornando-as reais, vivas no plano da concreção (MOSCOVICI, 1990). Entretanto, essa substituição não se realiza necessariamente como uma relação projetiva e coincidente, pois nelas a velhice é interpretada e reconstruída, uma vez que o ato de conhecer constitui uma forma de apropriação subjetiva do ambiente que possui dimensões cognitivas e afetivas, embora sentida como presença objetiva da realidade (MOSCOVICI, 1978).

A percepção da velhice como atributo negativo também foi identificada em outros estudos que abordam o desenvolvimento humano e o processo de envelhecimento (CRACIUN, FLICK, 2014; DEBERT, 1999). Esses estudos apontam que a velhice é percebida como um atributo negativo, em geral, associado às perdas da saúde, do vigor físico e da juventude, e, paralelamente, à positivos relacionados ao ganho de experiência e maturidade. No mesmo sentido, o estudo desenvolvido por Castro, Aguiar, Berri, Camargo (2016) evidenciou que um indivíduo é socialmente reconhecido como velho quando possui cabelos brancos, dificuldade motora, apresenta pelo enrugada, saúde debilitada e a perda da juventude.

Diversamente dos estudos desenvolvidos por Camarano, Kanso, Mello, Carvalho (2010), Souza, Inácio (2017), a observação das rotinas que envolvem a dinâmica do Abrigo evidenciou que, embora possua rotina diária parcialmente organizada pela administração, tais como os horários das refeições e das visitas, o abrigo pesquisado não apresenta características ou traços marcantes de uma instituição total (GOFFMAN, 2005), com a vida das moradoras regida por normas institucionais rigorosas.

Desse jeito, 23% das idosas escolheram morar no abrigo pelas vantagens da relação custo/benefício, pois, por serem assalariadas, não teriam condições financeiras de arcar com as despesas de aluguel de casa, contas de energia elétrica, água, alimentação, dentre outras despesas necessárias à sua manutenção. Elas procuraram pessoalmente a instituição para dela fazer o que expressaram com clareza: “meu lar”, “meu porto seguro” e nela constituir “minha família”. Ademais, as idosas independentes saem livremente para ir ao banco receber seus proventos, visitar parentes, passar final de semana ou feriados fora do abrigo, sem a necessidade de autorização prévia da administração.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O abrigo oferece às residentes um espaço de construção de novas relações possibilitando a construção de identidades grupais relacionadas à velhice e ao processo de envelhecimento. Para a pessoa idosa sentir esse espaço como seu novo lar, é preciso que ela

tenha a liberdade de ir e vir, bem como a possibilidade de manter e expandir vínculos externos significativos

O aumento da esperança de vida e as mudanças nos papéis dos idosos implicam uma rediscussão do conceito de pessoa idosa, além da definição jurídica, elaborada com base em critério etário, pois, o estudo evidenciou que esse não é o usado pelas idosas para se definirem.

O desenvolvimento da pesquisa permitiu concluir que na ancoragem a representação social, os sentidos empregados na relação cognitiva entre as noções primárias de saúde, juventude e autonomia física no significante velhice denota a existência de uma juventude possível de ser vivida com o avanço da idade, mesmo com determinadas limitações físicas que não chegam a afetar a saúde.

Assim, a objetivação da velhice possibilitou a compreensão de que o envelhecimento produz modificações morfológicas, funcionais, bioquímicas e psicológicas que determinam a progressiva perda da capacidade de adaptação do indivíduo ao meio ambiente. Essas modificações trazem consigo limitações físico-motoras, sensoriais, sociais e emocionais frente às quais elas se posicionam de forma particular, pois, além da degradação natural do corpo, o envelhecimento produz mudanças status ontológico do indivíduo que repercutem de forma variada na sua vida social e afetiva.

A compreensão da representação social pressupõe compartilhar com os sujeitos os símbolos e os significados que são mobilizados nessa construção, uma vez que, em geral, as pessoas, os status ontológicos e as identidades são constituídas em um universo simbólico, organizado por meio de operações comunicacionais mobilizadoras de uma linguagem dinâmica que, ao circular neste universo, torna-se referência na organização dos processos interativos, na percepção de si, do outro e do ambiente circundante.

Dessa forma, não há cisão entre os planos individual e coletivo, pois a comunicação e a interação que o indivíduo estabelece com o outro e com o mundo são representativas de sua individualidade e seu contexto social, cuja dinâmica está associada a relação que se estabelece entre a ancoragem e a objetivação na construção da realidade.

A partir da década de 1980, verifica-se, no Brasil, uma série de enunciados oficiais dirigidos à reconstrução da imagem da “pessoa velha”, representando-a como saudável, ativa, consciente da outorga de seus direitos, resistente às ações discriminatórias e apta a enfrentar criativamente o conjunto de mudanças sociais que redefinem a experiência do envelhecimento. Entretanto, essa imagem, expressa em termos como *terceira idade*, *melhor idade*,

*envelhecimento bem-sucedido* ou *envelhecimento ativo*, não alcança igualmente todas as pessoas que se encontram nesse estágio da vida.

É nesse contexto, que as moradoras do Abrigo se identificam como *idosas jovens*, *saudáveis* e *autônomas*, com base em noções primárias, que delineiam os contornos diferenciadores entre a pessoa velha e a pessoa idosa para objetivar realidade e construir a identidade grupal, por meio da rejeição da velhice, para conferir sentido à experiência do envelhecimento vivenciada no espaço institucional do Abrigo.

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Diana Paola Gutierrez Dias de; AZEVEDO, Néilton Gomes de; ISTOE, Rosalee Santos. Crespo. Envejecimiento y longevidad: interfaces biológicas, psicológicas y sociales. In: ISTOE, Rosalee Santos. Crespo; MANHÃES, Fernanda Castro; SOUZA, Carlos Henrique Medeiros de (Org.). **Envelhecimento humano em processo**. Campos dos Goytacazes, RJ: Brasil Multicultural, 2018. p. 72-85

BAARS, Jan. **Aging and the Art of Living**. Baltimore, MD: Johns Hopkins University Press, 2012. <https://books.google.com.br/books?id=RMYaPWec2CgC&pg=PP2&ots=Uy0X62-jUy&lr&hl=pt-BR&pg=PP2#v=onepage&q&f=false>. Acesso em 22/09/2022.

BESSA, Maria Eliana Peixoto, SILVA, Maria Josefina da. **Motivações para o ingresso dos idosos em instituições de longa permanência e processos adaptativos: um estudo de caso**. Texto & contexto - Enfermagem [online]., 2008, vol.17, n.2, pp.258-265. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-07072008000200006>. Acesso em: 128/06/2021

BRASIL. Lei nº 8.842, de 04 de janeiro de 1994. **Dispõe sobre a Política Nacional do idoso**. Disponível em: [www.legjur.com.br](http://www.legjur.com.br) Acesso em 12/06/2020.

BRASIL. Lei nº 1074, de 01 de outubro de 2003. **Estatuto do Idoso**. Disponível em: [www.legjur.com.br](http://www.legjur.com.br) Acesso em 12/02/2019.

CABECINHAS, Rosa. **Representações sociais, relações intergrupais e cognição social**. Paidéia (Ribeirão Preto), 14(28), 2004. p. 125-137. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1590/S0103-863X2004000200003> Acesso em 17/08/2019.

CAMARANO, Ana Amélia. Novo regime demográfico: uma nova relação entre população e desenvolvimento. In: CAMARANO, Ana Amélia (Org.). **Novo regime demográfico: uma nova relação entre população e desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Ipea, 2014. p. 627-654. Disponível em: [www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livros/livro\\_regime\\_demograficopdf](http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livros/livro_regime_demograficopdf). Acesso em 27/04/2022.

CAMARANO Ana Amélia, KANSO Solange. As instituições de longa permanência para idosos no Brasil. Rev Bras Estud Popul [Internet]. 2010 [acessado em 22 mar. 2020];27(1):232-5. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-30982010000100014>. Acesso em: 25/01/2023.  
CAMARANO, Ana Amélia; KANSO, Solange; MELLO, Juliana Leitão; CARVALHO, Daniele Fernandes. As Instituições de Longa Permanência para Idosos no Brasil. In CAMARANO, Ana

Amélia. (Org.). **Cuidados de longa duração para a população idosa: um novo risco social a ser assumido?** Rio de Janeiro: Ipea, 2010, p. 187-212. Disponível em: [http://www.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/livros/livro\\_cuidados.pdf](http://www.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/livros/livro_cuidados.pdf) Acesso em: 29/11/2021.

CAMARGO, Brígido Vizeu, CONTARELLO, Alberta; WACHELKE, João Fernando Rech; MORAIS, Daniela Xavier; PICCOLO, Chiara. **Representações sociais do envelhecimento entre diferentes gerações no Brasil e na Itália.** *Psicologia em Pesquisa*, 2014, 8(2), 179-188. doi:10.5327/Z1982-1247201400020007. Acesso em: 27/09/2022.

CRACIUN, Catrinel.; FLICK, Uwe. (2014). **I will never be the granny with rosy cheeks: Perceptions of aging in precarious and financially secure middle-aged Germans.** *Journal of Aging Studies*, 29, 78-87. doi:10.1016/j.jaging.2014.01.003. Acesso em 27/09/2022.

CASTRO, Amanda; Aguiar, Adriana de; BERRI, Bruna; CAMARGO, Brígido Vizeu. **Representações sociais do rejuvenescimento na mídia impressa.** *Temas em Psicologia*, 24(1), 2016, p. 117-130. doi:10.9788/TP2016.1-08. Acesso em 17/08/2022.

CERQUEIRA, Monique Borba; RIBEIRO, Aline Ângela Victória. Semânticas do envelhecimento - modos de envelhecer nos anos 70. In: D'ALENCAR, Raimunda Silva (org.) **A representação social na construção da velhice.** Ilhéus, BA: Editus, 2017. p. 17-41.

DEBERT, Guita Grin. **A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento.** São Paulo: EDUSP/FAPESP, 1999.

DUARTE, Yeda Aparecida de Oliveira, GIACOMIN Karla Cristina, WATANABE, Helena Akemi Wada, LEBRÃO Maria Lúcia. Estudo das condições sociodemográficas e epidemiológicas dos idosos residentes em instituições de longa permanência para idosos registradas no censo SUAS (Sistema Único de Assistência Social). Brasil: Ministério da Saúde; 2018.

ELIAS, Norbert. **A solidão dos moribundos. Seguido de "Envelhecer e morrer".** Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2001

FREITAS, Maria Célia; QUEIROZ, Terezinha Almeida; SOUSA, Jaci Aurélia Vieira de. **O significado da velhice e da experiência de envelhecer para os idosos.** *Revista da Escola de Enfermagem da USP* [online]. 2010, vol.44, n.2, pp.407-412. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0080-62342010000200024>. Acesso em: 27/08/2022.

FREITAS, Wesley Ricardo de Souza; JABBOUR Charbel José Chiappeta. **Utilizando estudo de caso(s) como estratégia de pesquisa qualitativa: boas práticas e sugestões.** *Revista Estudo & Debate, Lajeado*, 2011, v. 18, n. 2, p. 07-22. Disponível em: [www3.ufpe.br/moinhojuridico/images/ppgd/8.12a estudo de caso.pdf](http://www3.ufpe.br/moinhojuridico/images/ppgd/8.12a%20estudo%20de%20caso.pdf). Acesso em 27/08/2022.

IBGE. Fundação Instituto de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua. Características gerais dos domicílios e dos moradores 2018.** Rio de Janeiro: IBGE, 2018. Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101654\\_informativo](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101654_informativo). Acesso em 28/03/2022.

GOFFMAN, Erwin. **Manicômios, prisões e conventos** (7ª ed.). São Paulo: Perspectiva, 2005.

JODELET, Denise. **Loucuras e representações sociais.** (2ª. ed.) Petrópolis: Vozes, 2015.

JODELET, Denise. **O movimento de retorno ao sujeito e a abordagem das representações sociais**. Sociedade e Estado, Brasília, v. 24, nº. 3, p. 679-712, set./dez. 2009.

JODELET, Denise. The representation of the body and its transformations. In FARR, Robert; MOSCOVICI, Serge (Eds.), **Social representations**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984, p. 211-238. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/324969329\\_The\\_representation\\_of\\_the\\_body\\_and\\_its\\_transformations](https://www.researchgate.net/publication/324969329_The_representation_of_the_body_and_its_transformations) Acesso: em 20/11/2022.

JUNKER, Bufford Helmholz. **A Importância do Trabalho de Campo**. Rio de Janeiro, Ed. Lidador, 1971.

LUIZ, Karine Kátia Iria; LORETO, Maria das Dores Saraiva de; FERREIRA, Marco Aurélio Marques; MAFRA, Simone Caldas Tavares. **Compreensão Social do Envelhecimento e Velhice: análise semiolinguística de um dispositivo técnico**. Oikos: Família e Sociedade em Debate, v. 29, n. 1, p. 55-77, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.31423/2236-8493.v29i1.353>. Acesso 06/04/2022.

MOSCOVICI, Serge. **A Representação Social da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978

MOSCOVICI, Serge. **A Máquina de Fazer Deuses**. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

MOSCOVICI, Serge. **A Psicanálise, sua imagem e seu público**. Petrópolis: Vozes, 2012.

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais: Investigações em Psicologia Social**. (11ª ed.) Petrópolis: Vozes, 2015.

ONU. Organização das Nações Unidas. **Assembleia Mundial sobre envelhecimento: resolução39/125**. Viena, 1982.

ONU. United Nations, Department of Economic and Social Affairs, Population Division. **Revision of World Population Prospects: Volume I: Comprehensive Tables**, Viena, 2019. Disponível em: <https://population.un.org/wpp/>

SOUZA, Rosa Cristina Ferreira de; INACIO, Amábille das Neves. **Entre os muros do abrigo: compreensões do processo de institucionalização em idosos abrigados**. Pesquisas e Práticas Psicossociais [online], 2017. vol.12, nº.1, p. 209-223. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S1809-89082017000100015](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1809-89082017000100015). Acesso em: 20/02/2022.

SANTOS, Tatiane Felícia dos. (2021). INSTITUCIONALIZAÇÃO DE IDOSOS: PRINCIPAIS MOTIVOS QUE AUMENTAM A DEMANDA. *Revista Ibero-Americana De Humanidades, Ciências E Educação*, 7(9), 502–512. <https://doi.org/10.51891/rease.v7i9.2232>. Acesso em 25/01/2023.

SPINK, Mary Jane. Desvendando as teorias implícitas: uma metodologia de análise das representações sociais. In: GUARESCHI, Pedrinho; JOVCHELOVITCH, Sandra. **Textos Em Representações Sociais**. Petrópolis: Vozes, 2019, p.95-118.

TORRES, Tatiana de Lucena; CAMARGO, Brígido Vizeu; BOULSFIELD, Andréa Barbará; SILVA, Antônia Oliveira. **Representações sociais e crenças normativas sobre**

**envelhecimento.** *Ciência & Saúde Coletiva*, 20(12),2015, p. 3621-3630.  
doi:10.1590/1413812320152012.01042015. Acesso em 29/09/2022.

ZIMERMAN, Guite. **Velhice: aspectos biopsicossociais.** Porto Alegre: ArtMed, 2000.